



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da 36ª Couromoda – Feira Internacional de Calçados, Artigos Esportivos e Artefatos de Couro

São Paulo-SP, 12 de janeiro de 2009

Meu caro governador do estado de São Paulo, José Serra,
Cara governadora do estado do Rio Grande do Sul, Yeda Crusius,
Ministra Dilma Rousseff,
Prefeito Gilberto Kassab,
Senadores Eduardo Suplicy e Romeu Tuma,
Deputados estaduais e deputados federais aqui presentes,
Meu caro Barral, secretário de Comércio do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,
Meu caro Francisco Santos, presidente fundador da Couromoda,
Meu caro Vito Artioli, presidente da Associação Italiana da Indústria de Calçados,
(incompreensível), presidente da Associação Americana,
Milton Cardoso, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Calçados,
Senhor Marconi Matias dos Santos, presidente da Associação Brasileira de Lojistas de Artefatos de Calçados,
Paulo Afonso Ribeiro, presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Calçados de Franca, na pessoa de quem saúdo os demais sindicalistas aqui presentes,
Empresários, lojistas, expositores do setor coureiro e calçadista do exterior e do Brasil,
Minhas amigas e meus amigos,



Faz, hoje, quinze dias que eu não faço um pronunciamento, e eu trouxe aqui um material razoavelmente bem escrito, só que o pessoal que prepara o meu discurso deveria conversar com os empresários do setor, porque os números todos já foram citados pelos empresários. Então, eu vou deixar aqui de lado, e vou conversar um pouco com vocês.

Primeiro, quero dizer ao Serra que eu não posso dar o presente que eu ganhei, mas se ele quiser um pé emprestado de vez em quando, para mostrar a harmonia que existe entre São Paulo e o Brasil, pode me falar que será presenteado.

Companheiros e companheiras, eu ouvi atentamente os pronunciamentos das entidades representativas do setor calçadista do Brasil, ouvi atentamente o governador e o prefeito. Queria aproveitar esta minha primeira participação em um evento público em 2009 para ter uma conversa um pouco otimista com vocês. Otimista porque nós estamos vivendo um momento em que todo mundo já se deu conta do tamanho da crise, e todo mundo já se deu conta também de que, pela primeira vez, os países emergentes e os países pobres são vítimas das crises que nasceram nos países ricos.

Até alguns anos atrás, não faltavam representantes dos países ricos para dizer para a gente como é que a gente deveria fazer – como é que a gente deveria se levantar pela manhã, como é que a gente deveria se deitar à noite – como se tudo estivesse maravilhoso no mundo deles e no nosso mundo tudo estivesse errado.

O que aconteceu, exatamente, agora? Os países emergentes, sobretudo o Brasil, provaram ao mundo desenvolvido que em se tratando de seriedade, nós não devemos nada a ninguém. Quando eu olho um país desenvolvido como a Itália, e vejo que a Itália tem 105% do PIB a sua dívida pública – representa 105% do PIB a dívida pública italiana –; quando eu vejo os Estados Unidos, que representa 70% do PIB a sua dívida pública; e quando eu vejo o



Brasil, que a gente estava em 52% e agora estamos em 35%, eu fico me perguntando “quem tem que dar lição a quem?”

Antes, quando éramos nós as vítimas da crise, não faltava FMI para dar conselho, não faltava Banco Mundial para dar conselho, não faltavam analistas econômicos estrangeiros para dizer o que a gente tinha que fazer. E agora que a crise está no cerne dos chamados países desenvolvidos, parece que as instituições que sabiam tudo quando a crise era aqui, não sabem nada quando a crise é lá, ou pelo menos não têm condições de dar – com a arrogância que davam aqui – os palpites que precisam ser dados.

Obviamente, nós temos clareza de que o presidente Obama está com um pepino muito grande, e nós sabemos – e tenho clareza de que ele também sabe – que ele não pode perder tempo para tentar tomar as medidas para resolver a crise americana. Como tenho clareza de que o Japão, a França, a Alemanha, todos os países que estão mais diretamente envolvidos na crise sabem que essa crise não pode perdurar por muito tempo porque, a perdurar por muito tempo, com a conseqüência de desempregos que vai acontecer exatamente nesses países, nós corremos o risco de uma convulsão social que o mundo desenvolvido não esperava que acontecesse no século XXI.

Portanto, o meu otimismo vem da mais absoluta confiança de que os maiores interessados em não permitir que essa crise perdure (por) muito tempo são os países ricos, porque construíram ao longo do século XX um outro grupo de países periféricos que dependem diretamente deles. Os Estados Unidos não têm que resolver apenas o problema dos Estados Unidos. É preciso resolver, conjuntamente, os problemas de centenas de países periféricos que dependem diretamente da economia americana. A Europa, a mesma coisa.

Aí é que entra o Brasil, numa situação que eu considero mais confortável. Eu sei que tem gente que não gosta desse meu otimismo, mas vejam, sou corinthiano, sou católico, sou brasileiro e ainda sou presidente do País. Então, há razão de sobra para eu ser otimista. Nós temos as nossas



contas públicas equilibradas, nós temos a inflação equilibrada, nós temos um mercado interno com um potencial extraordinário, nós temos um povo ávido por consumir coisas que o mundo desenvolvido já consome há 50 anos e que muitos brasileiros não conseguiram consumir ainda, nós temos matéria-prima. Ou seja, nós temos um país muito mais arrumado do que qualquer outro, nesse instante, para enfrentar a crise.

O que nós precisamos é utilizar a nossa criatividade. Eu me lembro, em 2005, quando o setor calçadista estava em crise. Quando a gente conversava com um empresário mais otimista, ele dizia para a gente: “Olha, está difícil, o câmbio está muito complicado, mas nós vamos continuar investindo, vamos continuar fazendo não sei o quê”. Outro dizia: “Acabou. Vai acabar o setor calçadista no Brasil”. O que aconteceu três anos depois? Nós estamos mostrando, com esta Couromoda, o vigor deste segmento. O vigor que têm algumas empresas grandes, mas que têm, na sua base, milhares de pequenas empresas. Muitas vezes, um trabalhador fazendo sapato na cozinha da sua casa, gerando cidadania, gerando renda, gerando oportunidade de renda para milhões de pessoas neste país.

A verdade é que nós hoje, Serra, consumimos mais sapatos que o mundo europeu. A média per capita no Brasil é de 3,2 sapatos por pessoa, e lá é de 2,6, se não me falha a memória. Ao mesmo tempo, nós hoje exportamos menos para os Estados Unidos, não porque diminuíram as nossas exportações – elas continuam crescendo – mas o mercado se ampliou tanto que nós, hoje, em vez de exportar para 120 países, que exportávamos, estamos exportando para 146 países.

Eu me lembro de quando nós fomos a Dubai, não sei se alguém aqui foi comigo a Dubai. Nós gastamos 500 mil do Ministério - era o ministro Furlan, na época - para fazer uma feira, uma feira para mostrar os produtos brasileiros em Dubai. Vocês não imaginam o quanto nós fomos criticados pelos US\$ 500 mil que nós gastamos para fazer a feira. E as pessoas que criticaram os US\$ 500



mil nunca perguntaram para nós quanto é que nós ganhamos depois de aplicar os US\$ 500 mil. Só no dia em que a gente estava lá, nós vendemos US\$ 50 milhões em produtos nossos.

O otimismo não pode ser exagerado, muito menos o pessimismo. O que nós precisamos ter consciência é de que o Brasil e o governo, e eu tenho certeza de que os governos estaduais, eu tenho certeza de que os prefeitos das cidades mais importantes do País têm a responsabilidade, nesse instante, de fazer com que o Estado assuma o seu papel de não permitir que o mercado por si só tente resolver um problema que não vai resolver, porque é esse mercado livre que foi o causador dessa crise. A falta de regulação do setor financeiro internacional, sobretudo nos países mais ricos, sem nenhum controle - a ponto de bancos de desenvolvimento fazerem alavancagem de 35 vezes aquilo que era seu patrimônio líquido - é que levou à quebradeira que nós estamos hoje.

O governo tomou uma decisão e eu quero que vocês saibam disso. Primeiro, nós não queremos aquele discurso que de vez em quando aparece: “Tem uma crise aí, o governo precisa gastar o gasto, o governo tem que cortar o gasto, é preciso fazer contenção”. Não, nesse momento nós vamos dizer o seguinte: tudo o que for possível a gente cortar em custeio, não tenham dúvida de que nós vamos fazer. Mas tudo que for possível a gente colocar para gerar um posto de trabalho na construção civil, nas habitações, nas ferrovias, nas rodovias, nós vamos fazer. E eu tenho certeza de que esse é o compromisso do Serra, do Kassab, da Yeda, de todos os governadores. Porque se nós não tomarmos a iniciativa de fazer as coisas acontecerem nesse primeiro trimestre, aí sim, nós poderemos correr o risco de fazer com que a crise chegue aqui mais forte do que deveria chegar.

Eu estou extremamente otimista. E quando fiz aquele pronunciamento no dia 22 de dezembro, fazendo apologia do consumismo – eu, que trabalhei a vida inteira contra o consumismo – é porque eu tinha a clareza de que se nós



não convenceremos a sociedade brasileira de que a economia é uma rodagigante, e que ela tem que estar girando sistematicamente para que ela possa continuar produzindo empregos, produzindo distribuição de renda e produzindo o crescimento do País, se a gente permitir...

Nós tomamos uma decisão na semana passada: não só compramos a Nossa Caixa, como compramos 50% do Banco Votorantim. Por quê? Porque o Banco do Brasil não tem expertise em financiar carro nenhum, muito menos carro usado. E este é um setor que, se não funcionar, a gente não vê as pessoas comprarem o carro novo, mesmo com a redução do IPI. Então, é preciso que alguém venda um carro para poder comprar outro. Nós compramos metade, 50%, do Banco Votorantim. Foi uma associação importante e o Banco do Brasil vai se preparar para que a gente possa financiar carro usado, para que a economia possa continuar girando normalmente.

Isso vale para vocês. Vocês estão lembrados de 2005, quando vocês tiveram uma crise muito séria, que nós criamos o FAT Giro Setorial. Parece que para o setor de calçados foi R\$ 1 bilhão. Eram três os setores que nós tentamos atender: coureiro-calçadista, moveleiro e máquinas e equipamentos. Nós ajudamos e contribuímos para que o setor tomasse fôlego. O câmbio, que era um problema sério, está mais ou menos ajustado. O mercado que nós perdemos, eu sempre digo que vai depender de nós reconquistarmos. Mas também a gente não pode ficar brigando apenas por aquela parte que nós perdemos. Nós precisamos procurar onde nós ainda não entramos para entrar e criar novos nichos de oportunidade para nós.

Eu quero que vocês saibam que a minha alegria em vir a esta feira não poderia ser mais... maior motivo de felicidade. Primeiro, estamos começando o ano realizando uma feira que, segundo os organizadores, é a terceira feira do mundo nesse ramo. Estamos aqui com o Japão, com os Estados Unidos, com a Alemanha. Viram o sapato que eu ganhei, que é italiano, mas viram o brasileiro também, de Franca. Nós precisamos fazer com que aconteça



exatamente aquilo que nós queremos que aconteça: vocês se fortalecerem.

Da minha parte, vocês sabem que eu não tenho nenhuma vergonha de ser garoto-propaganda dos produtos brasileiros. Quando o Bush veio aqui, ele não quis tirar fotografia perto de um carro da GM, porque ia ferir a Ford e um presidente americano não pode fazer merchandising. Comigo não tem isso. Me dê um produto brasileiro, que eu coloco na cabeça e vou vendê-lo onde for necessário vender.

Hoje o Brasil tem uma inserção internacional que eu acho que em nenhum outro momento da história nós tivemos. Hoje o Brasil tem a credibilidade que em nenhum outro momento nós tivemos, e cada vez fica mais evidente junto aos países ricos que o Brasil é o país que está melhor preparado para enfrentar essa crise. Nós temos alguns problemas domésticos que nós vamos resolver. Não posso dizer para vocês quais, porque em economia, quando a gente fala, aí a economia para, esperando solução. Vamos continuar fazendo a roda-gigante girar para a gente poder acreditar que esta Feira vai ser a cara do Brasil que a gente quer construir em 2009.

Por isso, eu quero terminar, não apenas desejando a vocês feliz Ano Novo, que por falta de educação eu não disse no começo, mas queria dizer para vocês que nós temos que construir 2009. Tem gente que fala “mas o Lula parece que gosta da crise”. Não, eu não gosto. Pelo amor de Deus, eu queria que o mar estivesse tranquilo. Mas eu acho que o Brasil precisa tirar proveito dessa crise, e o Brasil precisa se preparar, porque quando essa crise acabar, quem estiver mais preparado leva o jogo.

Por isso é que eu tenho incentivado os empresários a continuar com os seus investimentos, por isso é que a dona Dilma tem a responsabilidade de não permitir que pare nenhuma obra do PAC. Pelo contrário, inventar novas obras importantes para o Brasil, descobrir novas necessidades do Brasil para que a gente faça os investimentos. Só posso dizer para vocês: não faltará dinheiro para investimentos. Parece duro um presidente do Brasil dizer “não vai



faltar dinheiro”. Posso dizer para vocês: não vai faltar dinheiro para os investimentos. Se for necessário mais 20, mais 30, mais 40, não importa, nós vamos fazer, porque agora é a hora de o Estado provar, sem querer ser gestor, sem querer ser administrador, mas é a hora de o Estado provar que o mercado é muito importante, mas um Estado forte, indutor da economia e dos bons investimentos é importante para o Brasil e para qualquer país do mundo.

Eu espero que depois dessa crise econômica, na reunião que vamos fazer em Londres, no dia 2 de abril, os presidentes do mundo inteiro se convençam de que é preciso que a gente tenha um controle mais rígido do sistema financeiro, porque teve muita gente que ganhou muito dinheiro sem produzir um prego para colocar no sapato, sem produzir um cadarço, sem produzir um tênis, apenas com a especulação. O mundo não pode continuar assim. Qual é a explicação para o petróleo ter chegado a US\$ 150 o barril, e agora estar a 47? Qual é a explicação, senão a especulação no mercado futuro? Qual é a explicação de a soja ter explodido em maio do ano passado? As commodities, como um todo? E despencarem, como despencaram agora? Qual é a explicação, senão a pura especulação?

Então, eu acho que quem quer especular, especule. Agora, o mercado futuro, Pratiní de Moraes, tem que ter um certo controle. Um cidadão quer fazer investimento, deposita pelo menos uma quantia na hora para saber se o cidadão vai querer continuar especulando, ganhando dinheiro sem produzir nada. Ganhar dinheiro sem produzir nada é a mesma coisa que estar ganhando dinheiro numa roleta, num cassino em qualquer lugar do País. O que nós queremos é que o dinheiro seja ganho e que cada vez as pessoas ganhem mais, mas como resultado do crescimento da economia, do aumento da produção, da geração de empregos e da distribuição de renda. Esse dinheiro faz cidadania, esse enriquecimento faz justiça social. Fora isso, é especulação, e eu acho que essa crise veio para a gente poder consertar a economia mundial.



Um grande abraço, boa sorte, boas vendas, e vou dizer para vocês: contem comigo para o que der e vier, para a gente recuperar tudo aquilo que nós temos direito de ocupar no mundo, sobretudo contando com o apoio dos nossos amigos do Japão, dos Estados Unidos e – nos Estados Unidos, como eles têm o pé maior, eles podem comprar um sapato (falha na gravação) por um preço mais importante para nós – e da Alemanha.

O dado concreto é o seguinte: nós não temos que ter vergonha das coisas que nós fazemos. Eu acho que pode ter gente que faz melhor ou faz igual, mas eu duvido que o Brasil tenha medo de competir no setor de calçados com qualquer outro país do mundo. Milton, a qualidade é extraordinária e eu acho que o Brasil tem nichos extraordinários que a gente ainda não cuidou. Nós já temos, Serra, preço-referência, nós já temos uma referência de preço. Parece que é de R\$ 15 ou uma coisa assim.

O dado concreto é o seguinte: nós exportamos US\$ 15 bilhões para a China, e este ano vamos importar US\$ 18 bilhões. O que nós precisamos é, nessa coisa de relação comercial, ter o cuidado para que não aconteça exatamente aquilo que todos nós não queremos que aconteça, que é, outra vez, cada um se fechar dentro do seu mercado e a gente atrofiar a abertura que nós conseguimos há muito tempo. O que nós precisamos é tomar cuidado para não permitir isso que o Serra disse aqui: um sapato a US\$ 1 não existe. Mesmo que ele fosse produzir aquele pequenininho que o companheiro de Franca me deu, deve custar mais de US\$ 1 se você tiver que pagar salário, férias, décimo-terceiro, aposentadoria. Deve custar um pouco mais. Então, nós precisamos tomar cuidado com isso, sem estabelecer a guerra do protecionismo, que isso vai prejudicar todos nós.

Que Deus ajude todos vocês, o Brasil, e que vendam todos os sapatos que produzirem. Sorte.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega dos trechos Arroyo Concépcion-El Carmen e El Carmen-Roboré do Corredor Bioceânico

Arroyo Concépcion-Bolívia, 15 de janeiro de 2009

Eu acho importante o Lucio fazer a tradução para que todas as pessoas, sobretudo as mais humildes, entendam o português do presidente do Brasil. Muitas vezes nós pensamos que todo mundo entende, e a verdade é que tem muita gente que não entende, e também nem todos os portugueses (brasileiros) entendem o espanhol. Então, é importante que haja tradução, porque eu e o Evo viemos aqui falar um pouco para o povo boliviano, para o povo brasileiro de Corumbá, e não apenas para os meios de comunicação.

Eu quero, primeiro, cumprimentar o companheiro Evo Morales, nosso querido presidente da Bolívia,

Quero cumprimentar os ministros integrantes da comitiva boliviana,

Quero cumprimentar o governador do estado do Mato Grosso do Sul, André Puccinelli,

Quero cumprimentar os ministros integrantes da comitiva brasileira,

Quero cumprimentar a senhora Patrícia Ballivian, presidente da Agência Boliviana de Rodovias,

Quero cumprimentar o senhor Romualdo Hurtado, prefeito de Puerto Suárez,

Quero cumprimentar o senhor Aldo Clavijo, prefeito de Puerto Quijarro,

Quero cumprimentar o senhor Carlos Lafuente, vice-prefeito de Arroyo Concépcion,

Quero cumprimentar o senhor Marcelo Odebrecht, presidente do Grupo Odebrecht,

O senhor Luiz Nascimento, presidente do Conselho de Administração da



Camargo Corrêa,

Senhor Adyr Freitas, diretor comercial da ARG

Senhor Pedro Yohvio, presidente da IASA

Quero cumprimentar os companheiros da imprensa brasileira e da imprensa boliviana,

Empresários bolivianos e empresários brasileiros,

Quero cumprimentar a Guarda Nacional pelo fato de ter cantado tão bem o Hino Nacional brasileiro. *Gracias.*

Meus amigos e minhas amigas,

É sempre uma grande satisfação retornar à Bolívia e encontrar o companheiro Evo na fronteira viva entre nossos dois países. Estamos aqui para cumprir um compromisso que assumimos na companhia da presidenta Bachelet, em dezembro de 2007, ou seja, inaugurar mais dois trechos da rodovia que ligará Tambo Quemado a Puerto Suárez. Nos aproximamos da conexão definitiva entre os oceanos Pacífico e Atlântico, que ligará o Porto de Santos, no Brasil, ao de Arica e Iquique, no Chile.

Nossos três países ficarão mais próximos. Haverá mais possibilidade de desenvolvimento para as regiões atravessadas pela nova rodovia. A Bolívia se afirmará com o polo estratégico da integração de nosso continente. Espero que ainda neste ano, junto com nossa amiga Bachelet, possamos celebrar a conclusão da obra, tão esperada. Afinal de contas, estão faltando apenas 82 quilômetros.

O Brasil está plenamente engajado no projeto de promover a integração física do território boliviano. Meu governo decidiu participar do financiamento do projeto Hacia El Norte, no trecho Villa Tunari a San Ignacio de los Moxos.

Caros amigos e amigas,

No último ano, as exportações bolivianas para o Brasil cresceram 60%. Nossos programas bilaterais de cooperação agrícola e industrial ajudarão a



modernizar o parque produtivo da Bolívia e a diversificar suas exportações. Queremos oferecer novas oportunidades no mercado brasileiro para os produtos bolivianos. Duas importantes missões foram a La Paz no ano passado, para desenvolver parcerias, entre governos e empresários, que ampliem as importações brasileiras. Isso é fundamental, pois a crise financeira ameaça nossa produção, nossos empregos e nossos mercados.

O Mercosul está dando a sua contribuição para preservar as exportações bolivianas. Saúdo a recente decisão do Bloco de comprar produtos têxteis bolivianos em condições preferenciais. O Brasil se empenhará para que esse compromisso entre em vigor no mais curto prazo possível.

Senhoras e senhores

O presidente Evo tem sido fiel à sua palavra de que nunca faltará gás para o Brasil. Por isso, digo e repito que não faltarão investimentos e consumidores brasileiros para essa riqueza do povo boliviano. Nossos governos acabam de concluir um acordo que está na essência de nossa parceria estratégica. Com transparência e diálogo, asseguramos o suprimento adequado de energia para o parque industrial brasileiro e os recursos necessários para o desenvolvimento da Bolívia.

Precisamos implementar os demais acordos acertados durante a minha visita a La Paz. Avançar na exploração conjunta de novos poços e no treinamento de funcionários da YPF. Também estamos colaborando para ampliar o acesso à educação e à saúde, e garantir a segurança alimentar à população boliviana.

Nosso compromisso com os direitos básicos de nossos cidadãos explica a prioridade que atribuímos à regularização de trabalhadores migrantes bolivianos e brasileiros. Temos também que dar ênfase às necessidades de nossas comunidades fronteiriças. Vejo com satisfação a entrada em vigor do acordo para permissão de residência, estudo e trabalho a nacionais fronteiriços. Ele terá efeitos práticos e concretos para o bem-estar das pessoas.



Estamos aprofundando a cooperação na área policial e de defesa. Em atenção ao pedido do presidente Morales, o Brasil se dispõe a ceder helicópteros para reforçar o controle e a proteção de nossas fronteiras.

Amigas e amigos

A construção da Unasul teve no governo boliviano apoio de primeira hora. A Secretaria *Pro Tempore* exercida pela Bolívia foi decisiva no processo que culminou com o Tratado Constitutivo, em maio de 2008. Pouco depois, vimos a iniciativa da Unasul no acompanhamento do diálogo entre as forças políticas na Bolívia e na missão que ajudou a apurar os preocupantes eventos em Pando. A América do Sul mostrou-se capacitada a resolver seus problemas sem ingerências ou tutelas externas. Com esse mesmo espírito, os países da América Latina e do Caribe se reuniram na Bahia, em dezembro passado. Pela primeira vez na história começamos a coordenar respostas e mobilizar forças regionais para os desafios da conjuntura internacional.

Bolívia e Brasil dão um bom exemplo. Nossos investimentos conjuntos em infraestrutura ajudarão a atenuar os impactos da crise financeira global. Isso não seria possível sem a valorização de instrumento de financiamento de comprovada eficácia como os convênios de créditos recíprocos. O CCR viabiliza projetos prioritários para o desenvolvimento da Bolívia e a geração de emprego e renda para sua população. Vim a Puerto Suárez para reiterar a disposição de colaborar com o povo boliviano, reforçando ainda mais nossa relação estratégica.

Companheiro Evo Morales, há hoje uma nova Bolívia. Seu povo clama por transformações que tragam novas esperanças e perspectivas para todos. Está em curso uma re-fundação democrática que busca reduzir desigualdades e valorizar a diversidade. Tenho a convicção de que o referendo sobre a nova constituição, no próximo dia 25, será passo decisivo nessa direção. Acompanhamos esse processo com atenção e admiração.



O Brasil não é uma ilha. Não teremos prosperidade duradoura se não houver prosperidade para todos os nossos irmãos sul-americanos. É com essa certeza que afirmo que a Bolívia poderá sempre contar com o Brasil e com o povo brasileiro.

Meu caro companheiro Evo Morales,

Eu queria aproveitar esta oportunidade para dizer a você, às demais autoridades bolivianas e ao povo boliviano que o que estamos inaugurando hoje significa progresso, significa desenvolvimento, significa o direito de ir e vir das pessoas e das riquezas que nós produziremos na nossa querida América do Sul.

Hoje estamos vivendo uma crise sem precedentes na história da humanidade. Uma crise que não nasceu na Bolívia, que não surgiu no Brasil, que não surgiu na Argentina ou na Venezuela, que não surgiu na China, nem na Índia e em nenhum país africano. Uma crise genuinamente nascida no coração do símbolo do sistema capitalista, que são os Estados Unidos da América do Norte, e da União Européia, e do país mais rico asiático, que é o Japão. E essa crise não nasceu por excesso de produção. Não surgiu por excesso de demanda da população. Essa crise surgiu por excesso de especulação, por pessoas gananciosas que já não se contentavam em ganhar muito dinheiro nas próprias regras do sistema e inventaram novas regras. A especulação financeira, sobretudo a de financiar por valor muito maior do que era necessário, o consumo do povo americano. Ou seja, um dia a casa cai. E a casa caiu. E hoje milhões de pessoas estão perdendo o emprego em todo o mundo.

Estamos vendo nos jornais, todo santo dia, a possibilidade de a GM, Ford e Chrysler - símbolos da indústria automobilística mundial – quebrarem, se não tiverem investimento do Estado.



O mercado, que durante os últimos vinte anos vendeu a idéia de que o Estado não valia nada e de que o Estado poderia regular tudo e resolver tudo, se mostrou incompetente e inoperante. Quando a crise veio e os bancos começaram a quebrar, o Estado, que não valia nada, funcionou como todo ser humano quando está em perigo, que só lembra de Deus. Os banqueiros se lembraram do Estado e foi o Estado chamado em caráter emergencial para salvar o sistema financeiro que estava especulando.

Eu, Evo, estou torcendo para que o Obama, ao tomar posse, possa anunciar aos Estados Unidos e ao mundo as políticas objetivas que ele vai adotar para diminuir a crise ou para acabar, no médio prazo, com a crise americana. Porque há um dado concreto: os Estados Unidos são a maior economia do mundo e, portanto, uma crise americana traz problemas em quase todos os países exportadores para os Estados Unidos. E por isso, nós bolivianos e brasileiros, latino-americanos, africanos, chineses, indianos, temos que torcer para que a economia americana se recupere logo e que a gente possa ver o mundo voltar a ter perspectiva de crescimento.

Eu estou falando isso com vocês porque ninguém ainda tem dimensão da totalidade dessa crise. A cada dia aparece uma coisa nova, a cada dia aparece uma massa falida e os governos estão colocando dinheiro para salvar os bancos. É preciso colocar dinheiro para salvar o povo e ajudar a parte mais pobre da população. Esse é o desafio que está colocado para todos nós. A crise é americana, é européia, é japonesa, mas a solução é de todos nós.

Por isso, no dia 2 de abril nós vamos a Londres, o G-20 vai se reunir e vai tratar, como ponto prioritário, estabelecer regras para a regulação do sistema financeiro internacional, para que o povo não seja mais vítima da sandice especulativa. Até hoje, Evo, ninguém conseguiu me explicar por que o preço do petróleo chegou a US\$ 150 o barril. Ninguém conseguiu me explicar até agora porque o preço da soja subiu o tanto que subiu no mês de junho do ano passado. Alguns logo disseram que era por causa do etanol brasileiro;



outros disseram que era o consumo chinês; e os dois não eram verdadeiros. Qual era a verdade? Era que tinha uma especulação no petróleo na Bolsa de mercado futuro. Tinha uma quantidade de petróleo negociada no mercado futuro igual ao consumo chinês. E também, quando o *subprime* americano começou a ter problemas, os especuladores do *subprime* foram especular em produtos alimentícios.

Hoje nós já temos mais claro o que está acontecendo no mundo, e temos que ter claro que temos que agir fortemente para que a gente possa não permitir que mais uma vez os pobres do mundo, que não participaram do lucro da especulação, sejam as vítimas dessa crise.

Por isso, Evo Morales, nós no Brasil estamos dispostos a contribuir com os investimentos em infraestrutura que a Bolívia está fazendo, de outros países da América do Sul, porque neste momento é muito importante que o Estado invista os recursos que têm em obras de infraestrutura, em políticas sociais, porque logo aparecerão, Evo, os especialistas para dizer que nós temos que fazer contenção de despesas, que precisamos conter as obras, que precisamos conter as políticas sociais. Ou seja, voltar ao que nós fizemos nos anos 80, em que o Brasil empobreceu, a Bolívia ficou mais pobre e os ricos ficaram mais ricos.

Agora, nós já estamos no governo há quatro ou cinco anos. A América Latina mudou, a América do Sul mudou. O maior exemplo da mudança na América do Sul - eu tenho dito em todos os lugares do mundo - não é um metalúrgico ser presidente do Brasil. A maior mudança é um índio ter sido eleito presidente da Bolívia.

Aconteceu aqui o que aconteceu na África do Sul no fim do *apartheid*. A minoria branca governou a África do Sul muitos e muitos anos. Mandela ficou preso 27 anos e, ainda assim, os brancos continuavam governando. Minoria absoluta. Um belo dia, os negros descobriram que na democracia prevalece a vontade da maioria, não a vontade do poder econômico ou a vontade da



minorias. E Mandela mudou a história da África do Sul.

Aqui na Bolívia aconteceu exatamente o mesmo: a maioria se descobriu. O povo boliviano descobriu que, sendo uma maioria indígena, poderia eleger um presidente índio. E isso está consagrado. O Evo, ao propor o referendo, antecipar as suas eleições, e garantir apenas uma única reeleição, está dando um exemplo democrático que muita gente que governou este país não deu em outros tempos.

O que é importante é a lição de vida e a lição política que nós temos que dar, Evo. Eu não governo, no Brasil, apenas para os pobres ou para os trabalhadores. Eles têm minha prioridade, mas eu governo para todos. Eu tenho a convicção de que nunca os empresários brasileiros ganharam tanto dinheiro como ganham no meu governo. Mas também tenho a convicção de que nunca os pobres estiveram tão bem como estão agora no meu governo. Nós governamos para todos, e é essa, Evo Morales, a lição que está acontecendo aqui na Bolívia. Tem muita gente que ainda não digeriu um índio presidente da Bolívia. Mas eu levei quatro anos para as pessoas digerirem que um metalúrgico pudesse ser presidente. Eu perdi três eleições, grande (parte) delas por preconceito, e hoje nós vencemos isso. As pessoas aceitam com naturalidade, se bem que alguns não vão gostar nunca.

É nesse momento, Evo, que você precisa dar os grandes exemplos. Com a humildade que você tem, depois do acordo feito com a Coordenação da Unasul, você não pode aceitar nenhuma provocação. Está lembrado que em La Paz, eu disse a você: a arma, para a gente enfrentar a adversidade, é paciência. É não fazer o jogo dos adversários, é não ficar brigando com a imprensa, e não ficar fazendo política apenas pela imprensa. É conversar um pouco com o povo, porque no fundo, no fundo, embora sejamos governantes de todos, tu na Bolívia e eu no Brasil, quem precisa do Estado, na verdade, é o povo que nunca participou de nada. São as crianças pobres, são as mulheres e são os homens que trabalharam a vida inteira e que nunca tiveram chance de



participar do resultado da riqueza produzida por todos.

Por isso, companheiro Evo, eu quero dizer a você do meu carinho pelo povo boliviano e por você, a minha solidariedade, e dizer ao povo boliviano e dizer a você: contem conosco. Somos irmãos e precisamos estar juntos nos bons e nos maus momentos.

Um abraço e parabéns.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia comemorativa dos 86 anos da Previdência Social e anúncio de benefícios na aposentadoria

São Paulo-SP, 27 de janeiro de 2009

Meu caro companheiro Pimentel, ministro da Previdência Social,
Meu caro companheiro Toffoli, advogado-geral da União,
Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Senador Aloizio Mercadante,

Prefeito Gilberto Kassab,

Deputados Arnaldo Faria de Sá, Carlos Zarattini, Devanir Ribeiro, José Genoíno, e o companheiro Vicentinho, que quase não conheci, pela longa barba,

Meu caro companheiro Gabas, secretário-executivo do Ministério da Previdência Social,

Meu caro Valdir Moysés, presidente do INSS,

Meu caro Rodrigo Assumpção, presidente da Dataprev,

Senhora Elisete Berchiol, gerente regional do INSS de São Paulo,

Carlos Augusto Moraes, chefe da agência do INSS da Vila Mariana,

Companheiros funcionários da Previdência,

Funcionárias,

Companheiros prefeitos de cidades do interior que estão aqui,

Companheiros aposentados,

Companheiros da imprensa,

Acho que há três coisas importantes que eu gostaria de dizer para vocês hoje. Primeiro, dizer ao companheiro Armênio, que completou 65 anos de idade



hoje... trabalhou 20 anos, contribuiu 20 anos e hoje se aposenta, no primeiro dia em que completou 65 anos: Armênio, de 1972 a 1975, eu era diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, e eu trabalhava como segundo-secretário no Departamento de Previdência Social. Lá eu cuidava de aposentadoria, de auxílio-natalidade, de auxílio-doença, cuidava de habite-se na prefeitura para liberar as casas das pessoas, e ainda tinha outras coisas de que eu cuidava, atestado de vida, por exemplo. As pessoas que recebiam pensão tinham que ir lá, de vez em quando... ou melhor, as pessoas que recebiam auxílio-doença às vezes tinham que ir lá prestar... viúva tinha que ir lá provar que estava viva. Foi nesse caso que eu conheci a dona Marisa, com quem estabelecemos uma parceria e estamos juntos há 35 anos.

Naquele tempo, eu recebia os trabalhadores que trabalhavam nas indústrias do ABC e a gente, no Sindicato, fazia a contagem de tempo de serviço. A gente via se estavam todos os documentos corretos, colocava num envelope e um dia por semana, na quarta-feira, eu ia à agência da Previdência entregar o processo. A gente chegava no balcão, entregava o nosso monte de processos – às vezes eram 20 processos, 15 processos –, pegava o protocolo de cada um. Tudo certo, não precisava de nenhum documento a mais, estava aprovado e ainda assim, Hermínio, demorava dois, três anos para que fosse liberada a aposentadoria de um companheiro.

Muitas vezes, faltava um documento. Eu vou dizer no meu caso, por exemplo, que a fábrica de parafusos Marte tinha fechado, mas estava registrado em carteira. Você tinha que andar atrás de um documento para provar uma série de coisas, porque a empresa não existia mais, portanto você não tinha mais como provar. E isso demorava dois ou três anos para você conseguir certificar uma aposentadoria.

Uma mulher como esta, que recebeu auxílio-natalidade agora, ela demorava, no mínimo, 90 dias, 100 dias, 120 dias. A coisa chegou a uma gravidade tal que a Previdência foi obrigada a fazer acordo com as empresas



para que algumas empresas pudessem pagar adiantado, para que a pessoa recebesse o auxílio-natalidade.

Em 2006, eu estava fazendo um programa de rádio lá em Brasília, do meu gabinete, e vocês sabem que naquele tempo as filas da Previdência eram assunto preferido de uma parte da imprensa escrita, de uma parte da imprensa de rádio e de uma parte da televisão. Vira e mexe, você ligava a televisão, aparecia lá uma senhora: “Estava aqui, porque a dona Maria de tal está aqui há 36 horas com o seu netinho no colo e ainda não foi atendida. Está aqui o fulano de tal, que está aqui há três dias na fila e que não é atendido”.

Naquele dia, eu fiz um compromisso com os radialistas que me entrevistavam, de que em três meses nós iríamos resolver o problema da fila. Aconteceu um fato inusitado, foram perguntar para o ministro, que era o Nelson Machado, na época, e o Nelson Machado falou: “Não é possível em três dias”. Qual foi a manchete do dia seguinte? Ministro contradiz o presidente Lula.

O fato concreto é que não era possível fazer em três meses, e a imprensa tinha razão, porque ir à Previdência Social para tomar uma informação ou para marcar uma perícia médica era um verdadeiro sacrifício. Era melhor andar 600 quilômetros a pé para chegar a Santiago de Compostela do que ficar a quantidade de dias em pé para requerer um benefício na Previdência Social. Foi motivo de muitas brigas com o Nelson Machado, muitas discussões com o companheiro Marinho... O dado concreto é que, das críticas da imprensa... e é importante que vocês saibam que eu acho que a imprensa é fundamental para que a gente possa corrigir coisas que estão com deficiência e aprimorar as coisas que precisam ser aprimoradas. O fato concreto é que daquilo surgiu a idéia, primeiro de a gente contratar peritos outra vez para a Previdência Social, porque houve na história do Brasil um presidente que, por conta de uma greve dos peritos, ele resolveu que, em vez de resolver o problema da greve, tinha que acabar com os peritos na Previdência. Acabou com os peritos, terceirizou tudo e aí era um “Deus nos acuda”.



Nós tomamos a atitude de recuperar os médicos peritos para a Previdência. Já contratamos, só nesse período, mais de cinco mil peritos, para que a gente possa fazer a perícia, e criamos um *call center* com o número 35, que qualquer jornalista ou qualquer pessoa pode fazer um teste – 135. Eu fui inaugurar em Recife. Qualquer pessoa pode pegar e ligar para o 135, que ela vai saber as informações e marcar a sua perícia médica, que antes levava dois meses, três meses, cinco meses, seis meses. A média está quanto hoje, Pimentel? A média hoje está em cinco dias para a gente marcar uma perícia.

Isso só foi possível, porque também de 2006 até agora, companheiros, nós investimos R\$ 280 milhões para modernizar a Dataprev, para torná-la senhora de uma situação na área de informática, para oferecer os melhores serviços para o povo brasileiro.

Quando o Pimentel, no final do ano passado, me procurou para dizer que a aposentadoria por idade já estava sendo concedida em meia hora, e que em março... Nós estamos antecipando: nós iremos anunciar o auxílio-natalidade e a aposentadoria por tempo de contribuição em meia hora. E, em junho, vamos anunciar a aposentadoria do trabalhador rural, também em meia hora. E mais ainda, se preparem, porque a partir de junho vocês vão receber em casa, quem atingir o direito de se aposentar, um comunicado da Previdência dizendo que o cidadão já atingiu a idade de se aposentar, já atingiu o tempo de contribuição, que o seu salário será “tanto” e, portanto, ele tem a opção de querer ou não se aposentar, ou querer continuar trabalhando um pouco mais. Esse já é um comprometimento público que eu estou fazendo aqui para os companheiros da Previdência Social.

Gente, eu sei o quanto isso é importante para as pessoas que precisam da Previdência Social. Eu amarguei muito tempo nas filas. Quando eu ia de terno e gravata... Eu vou contar um caso para vocês. Na agência da Brigadeiro Luís Antônio, uma vez eu fui lá levar um conjunto de benefícios. Eu tinha um terno só, que era um terno daquele risca-de-giz, preto. O advogado que foi



comigo estava sem terno. Tinha um homem fazendo a limpeza no prédio. Ele deixou eu entrar pensando que eu era o advogado, e não deixou o advogado entrar pensando que era um peão. Vejam que naquele tempo até o terno e a gravata, como ainda hoje, fazem a diferença em muitos lugares deste país. Por conta desse aprendizado – e eu tenho certeza que aqui tem dirigentes sindicais que já viveram esse negócio – por conta de tudo isso é que nós estamos hoje retribuindo. Não é nenhum favor do Estado brasileiro, é apenas retribuindo ao contribuinte da Previdência Social aquilo que é a cidadania a que ele tem direito. Ele paga em dia, é descontado no seu contracheque, ele não tem direito de concordar ou de discordar, ou seja, é descontado no ato. Se para cobrar nós somos tão precisos, para devolver o seu dinheiro em forma de benefício, nós temos que chegar também próximos da perfeição. E isso nós vamos fazer em outras áreas do serviço público brasileiro.

Vocês não têm dimensão – daqui eu estou vendo alguns prefeitos: o nosso recém-eleito prefeito de Guarulhos, o Kassab está aqui, o nosso prefeito eleito de Osasco – de que um prefeito, para conseguir um convênio com o governo federal, o quanto de papel ele tem que assinar, quantas coisas ele tem que prestar contas. Às vezes fica mais barato o empréstimo do que a quantidade de papel que ele gasta ou as viagens que ele faz a Brasília.

Portanto, a Dataprev tem a obrigação de contribuir com o governo, fazendo sugestões para que a gente possa fazer com que os bancos públicos, os Ministérios, possam fazer fluir as coisas com a mesma facilidade que nós estamos hoje assistindo fluir na Previdência Social. Esse é um benefício extraordinário.

Eu queria terminar, Pimentel, dizendo para você que eu acho que era importante, você que está sempre pedindo ou fazendo um bom desafio para a imprensa brasileira, não deixar de ir às filas das agências, não deixar de ficar fiscalizando para saber se isso que nós estamos oferecendo agora vai funcionar, porque certamente pode ter falha em alguma agência, certamente



pode ter falha em algum benefício. É importante que a gente saiba para a gente corrigir. É preciso parar com essa mania de que “se a imprensa deu é porque a imprensa é contra o governo, porque a imprensa não gosta do governo”. Ora, se a imprensa deu e o fato aconteceu, em vez de a gente reclamar, a gente tem que consertar. Esse é o dilema e o desafio que está colocado para nós.

Tudo isso, Kassab, é feito... Eu sei que em se tratando de salário, ninguém nunca está contente com o que ganha, mas a verdade também é que os servidores do INSS sabem, os servidores da Previdência sabem, que há muitos anos eles não eram tratados com o respeito que são tratados agora. Pode ainda não termos chegado à plenitude daquilo que são as aspirações, mas a verdade é que poucas vezes na história vocês foram tratados como são tratados hoje. Também é importante aqui a gente ressaltar o trabalho do Congresso Nacional no tratamento da questão da Previdência Social, porque eles têm sido – os deputados e as deputadas – parceiros do governo em aprovar as coisas que precisam ser aprovadas, no tempo que podem ser aprovadas. Portanto, meus agradecimentos.

Eu poderia ter feito este ato em Brasília, mas tem alguns fatos que me trouxeram a São Paulo. Primeiro, a visita ao meu companheiro José Alencar, que sofreu uma cirurgia muito delicada no último domingo. Segundo, eu não poderia deixar de vir na reinauguração da agência da Vila Mariana, que vocês percebem que está cheio de coisas novas aqui, tintura nova, todos os balcões novos. Mas também uma coisa, é que São Paulo é o estado que tem mais contribuintes da Previdência Social. Era aqui onde as filas eram maiores, era aqui onde saíam as principais manchetes dos jornais brasileiros e, portanto é aqui, na cara do problema, que a gente em vez de fugir dele, vem para dizer: esse problema está resolvido. Que apareçam outros para a gente resolver, e assim nós vamos resolver todos os problemas do nosso querido país.

Queria te agradecer, Pimentel, agradecer ao companheiro Marinho, que



foi ministro da Previdência Social – o Ricardo Berzoini não pôde vir aqui – agradecer ao Amir Lando. O Amir Lando é um companheiro que conseguiu fazer com que o crédito consignado chegasse ao aposentado. Agora eu estou numa briga em defesa dos aposentados que vocês nem sabem. Eu acho que os juros que vocês estão pagando hoje do crédito consignado são altos para os padrões brasileiros. É alto e nós vamos trabalhar para que a gente possa reduzir essas coisas.

Então, Pimentel, meus agradecimentos. Eu penso que para mim, como Presidente, como cidadão brasileiro, é extremamente importante viver este dia. Aos teus companheiros – o Waldir, do INSS, o Gaba, secretário-executivo, os companheiros da Dataprev – e aos servidores da Previdência Social: muito obrigado porque hoje vocês marcaram um dia histórico no nosso país. Que a gente continue avançando.

Um abraço.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade do Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto

São Paulo-SP, 27 de janeiro de 2009

Meu caro presidente Fernando Henrique Cardoso,
Meu caro governador do estado, José Serra,
Meu caro governador Jaques Wagner, governador da Bahia,
Meu caro prefeito Gilberto Kassab,
Dom Odilo Scherer, arcebispo metropolitano de São Paulo,
Senhor Giora Becher, embaixador de Israel no Brasil,
Senhora Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,
Paulo Vannuchi, secretário especial dos Direitos Humanos,
Alberto Goldman, vice-governador de São Paulo,
Deputado Vaz de Lima, presidente da Assembléia Legislativa de São Paulo,
Deputados federais,
Senadores,
Senhor Joseph Safra, presidente da Congregação e Beneficência Sefardi Paulista,
Cláudio Lottenberg, presidente da Confederação Israelita do Brasil,
Senhor Boris Ber, presidente da Federação Israelita do estado de São Paulo,
Senhores rabinos e representantes das associações judaicas,
Meus amigos e minhas amigas,

Agradeço o convite para participar, pelo quarto ano consecutivo, do Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto. Eu posso dizer que me sinto pessoalmente envolvido com a instituição desta data. Em agosto de 2004,



recebi de uma comitiva do Congresso Judaico Mundial e de líderes comunitários brasileiros – certamente alguns deles estão aqui presentes – uma petição à ONU solicitando medidas mais concretas na luta contra o anti-semitismo. Assinei de imediato o documento, afinal o Estado brasileiro foi co-patrocinador de diversas resoluções da ONU afirmando a importância de rememorar aquela tragédia. Mais tarde, eu soube que o Brasil foi o primeiro país a subscrever aquela petição. Soube também que ela serviu de base para consagrar 27 de janeiro como o Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto.

Hoje, como em todos os dias, devemos nos empenhar na luta da memória contra o esquecimento. É preciso manter viva a lembrança, para que nunca mais se repita o assassinato em massa, o genocídio como ideologia e a limpeza étnica como razão de Estado.

O regime nazista promoveu a mutilação espiritual, a humilhação moral, a ruína material e a eliminação física de milhões de homens, mulheres e crianças. Vitimou judeus, comunistas, homossexuais, negros, ciganos, testemunhas de Jeová e todos que considerou inferiores na raça, no credo e na cor. O Holocausto marcou o auge da crueldade humana e configurou o maior episódio de violência e covardia de nossa história, um episódio que não deveria ter ocorrido e que não pode nunca mais voltar a ocorrer.

É certo que a intolerância e a xenofobia ainda não foram totalmente extintas. No entanto, em todo o mundo a sociedade vem dando importantes passos na superação dos preconceitos. Um grande exemplo acaba de se concretizar nos Estados Unidos. Lá, há poucas décadas, negros e brancos não tinham os mesmos direitos. E hoje, pela primeira vez, um negro é Presidente dos Estados Unidos. O combate ao ódio e à discriminação já não é um grito isolado, mas integra o ideário das sociedades dos mais diferentes países.

Minhas amigas e meus amigos,



Ao participar deste evento, ano após ano, busco demonstrar o profundo respeito que eu e todo o governo nutrimos pelas comunidades que compõem a grande nação brasileira. Eu me orgulho de ser presidente de um país marcado pela diversidade, onde a tolerância garante o respeito mútuo a todos. Temos uma legislação clara e rigorosa no que se refere a todas as formas de intolerância. Somos uma das poucas democracias do mundo, talvez a única, em que a Constituição garante que para crime de racismo não deve existir nem fiança, nem prescrição.

O Brasil não aceita discriminação. Judeus e árabes, sejam religiosos ou não, convivem pacífica e harmoniosamente em nossas cidades, dividem espaços e compartilham a construção e o desenvolvimento do Brasil. Por isso, o conflito entre Israel e Palestina, no Oriente Médio, atinge os corações e as mentes de todos, e nos obriga a evitar que o ódio contamine o nosso país. Mais do que tudo, o Brasil pode se valer dessa convivência pacífica para colaborar para a construção da paz.

Minhas amigas e meus amigos,

A diplomacia brasileira tem uma larga tradição de atuar de forma conciliatória na solução de conflitos, e no que se refere aos povos israelense e palestino, nosso Estado vem ao longo de seis décadas ratificando as resoluções internacionais que têm por objetivo garantir a coexistência pacífica e segura de dois Estados soberanos. Esse tem sido o sentido de todas as nossas manifestações, pois só assim alcançaremos a paz naquela região. Eu tenho me esforçado pessoalmente para impedir que o ódio mútuo, acumulado ao longo de décadas, acabe sufocando ainda mais as alternativas de paz.

Como vocês sabem, recentemente determinei ao chanceler Celso Amorim que viajasse à região com o objetivo de apoiar os esforços para o cessar-fogo, o alívio da situação humanitária e o estabelecimento de uma paz reguladora. Na ocasião, a diplomacia brasileira reiterou às autoridades sírias,



israelenses, palestinas, jordanianas e egípcias, a necessidade de se evitar mais mortes e sofrimento na população civil de ambos os lados.

Lembramos às partes envolvidas que há outros atores interessados em agir a favor de um entendimento, e a paz só tem a ganhar com a participação de países como o Brasil. Todos sabem que o Brasil não está interessado nos resultados políticos e nos dividendos econômicos que podem ser obtidos na região. Nosso interesse exclusivo é o de contribuir para a paz duradoura e definitiva na região.

O Brasil tem condições e credenciais para participar, junto com outros países, de iniciativas que conduzam a um consenso para superar a violência e a irracionalidade. Por isso mesmo, apoiamos a realização de uma conferência internacional em seguimento à reunião de Annapolis, ocorrida em novembro de 2007, como um passo importante para o restabelecimento da paz na região, com base no reconhecimento do direito de constituição do Estado palestino viável, e da existência de Israel em condições de segurança e de soberania. O Brasil não aceita a escalada da violência como solução para os conflitos.

Lamentamos profundamente a morte de civis, mulheres e crianças. Conclamamos o pronto estabelecimento das condições que permitam a plena retomada da assistência humanitária à população de Gaza e a tranquilidade para a população de Israel. Guardo uma profunda esperança na construção do diálogo e continuarei empenhado para que, o mais rápido possível, aquela região viva uma trégua consistente que seja prenúncio de uma paz duradoura.

Minhas amigas e meus amigos,

Que este Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto ajude todos os homens e mulheres a se recordarem das iniquidades que tanto macularam a trajetória da Humanidade. Que ele fale à consciência coletiva sobre a necessidade de se reparar os danos sofridos no passado, de se interromper as injustiças do presente e de se evitar tragédias no futuro.

Espero, sobretudo, que este dia nos convide a olhar para as novas



gerações, que não podem ser hostilizadas pelos erros cometidos por seus antepassados. Devemos garantir que as crianças e os jovens se desenvolvam em um ambiente onde a desconfiança mútua seja substituída pelo preceito bíblico, quando diz: “Ama teu próximo como a ti mesmo”.

Shalom. Muito obrigado.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
assinatura de ato de transferência de terras da União para Roraima**

Palácio do Planalto, 28 de janeiro de 2009

Eu recebi uma nominata aqui, de última hora.

Primeiro, meu caro governador Anchieta,

Meus caros senadores Romero Jucá e Augusto Botelho,

Companheiros e companheiras deputados e deputadas Ângela Portela,
Edio Lopes, Francisco Rodrigues, Luciano Castro, Marcio Junqueira, Maria
Helena, Neudo Campos, Urzeni Rocha,

Nossa querida companheira Tereza Jucá, primeira-dama,

Companheiro Rolf,

Companheiros e companheiras,

Possivelmente no próximo mês nós estaremos anunciando uma nova medida, que é a regularização de terras em toda a Amazônia Legal. Estamos tomando essa atitude porque estamos cansados de incertezas. Para chegar a tomar essa decisão não foi fácil. O Governador, o senador Botelho, o Jucá, os deputados e outras pessoas do estado de Roraima e da Amazônia sabem que vencer os entraves legais existentes não é nenhuma tarefa fácil. Nós estávamos em dívida com Roraima desde a celeuma de Raposa Serra do Sol. Eu me lembro que ainda em 2004 já me tinha sido apresentado um pacote que era para atender a todas as necessidades. Esse pacote rolou, rolou, rolou, briga na Justiça, processo, pendenga. Agora está na Suprema Corte e eu espero que dentro em breve tenha uma decisão final. Como não é garantido a nenhum cidadão vivo deste país entrar com recurso contra uma decisão da Suprema Corte, eu espero que ela tome a decisão e defina, de uma vez por todas, a questão da Raposa Serra do Sol.



Este passo que nós estamos dando agora é para dar legalidade e legitimidade ao estado. Não é possível um estado sem o seu território, não é possível um estado sem o seu chão, não é possível um estado em que não possa haver, da parte dos homens públicos e do governo do estado, a determinação de políticas agrícolas no estado porque não existia território. Nós estamos fazendo Roraima antes dos outros estados, exatamente pela quantidade de reuniões que nós fizemos sobre o caso Roraima. Posso lhe garantir, Governador, que não foram poucas as reuniões, de inúmeras horas aqui neste Palácio, envolvendo todo mundo que era possível envolver, para ver se nós encontrávamos uma solução.

Finalmente, encontramos essa solução. E a solução se torna mais eficaz quando vocês não terão que ficar esperando que o Incra, aqui de Brasília, cuide da questão da regularização lá, ou seja, vai ser o Incra de Roraima. Obviamente que isso não facilita o teu trabalho, Titonho, pelo contrário, vai te dar muito mais responsabilidade do que você tem agora; antes, quando as coisas não andavam, era fácil de você falar: a culpa é do Rolf. Agora, não, agora a culpa é sua, pelo certo e pelo errado. Pelo certo, todos os louros; pelo errado, você sabe o que acontece a quem erra, na vida pública brasileira.

Então, eu penso que é um dia gratificante, mas, sobretudo eu acho que é um dia em que depois de a gente transformar Roraima em estado na Constituição de 1988, eu acho que hoje é como se fosse o dia da independência territorial do estado de Roraima.

Eu desejo a vocês toda a sorte do mundo, que vocês possam agora trabalhar com muito mais afinco, fazer com que aquele estado tenha mais produtores, que tenha mais produção, que tenha mais riqueza, mais distribuição de renda, e isso não poderia vir num momento melhor. Nós estamos fazendo a ponte ligando a Guiana. Nós estamos vivendo uma crise mundial, que ainda não sabemos o tamanho dela, sobretudo nos países ricos. E o que nós precisamos, neste momento, é aumentar a produção do País,



gerar mais postos de trabalho e gerar mais renda. Eu acho que essa é uma possibilidade extraordinária para Roraima. Não sei se vocês perceberam que o visual do Governador mudou, de 45 para cá. Eu penso que ele está mais revolucionário do que social-democrata, com esse cavanhaque. Espero que esse cavanhaque lhe permita, com muita rapidez – não permitir que ele fique branco como o meu – fazer o que precisa ser feito. Agora, Anchieta, a bola está com o governo do estado, a bola está com o povo de Roraima e a bola está com os políticos daquela região. Por favor, eu espero que termine a tensão de reclamações e aumente a tensão de produção no estado.

Parabéns ao povo de Roraima.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o encontro com participantes do Fórum Social Mundial 2009: painel “América Latina e o Desafio da Crise Internacional”

Belém-Pará, 29 de janeiro de 2009

Querido companheiro Evo Morales, presidente da Bolívia,
Querido companheiro Rafael Correa, presidente do Equador,
Querido companheiro Fernando Lugo, presidente do Paraguai,
Querido companheiro Chávez, presidente da Venezuela,
Querida companheira Ana Júlia, governadora do estado do Pará,
Companheiros e companheiras ministros aqui presentes,
Companheiro Cândido Grzybowski, diretor geral do Ibase e coordenador desta mesa de debates da sociedade e dos presidentes,
Companheiros representantes dos povos indígenas do Brasil e da América Latina,
Companheiros estudantes,
Mulheres aqui presentes,

Eu queria, sobretudo, dar os parabéns aos delegados que vieram de outras regiões do mundo participar deste Fórum Social.

Queria dizer a vocês da minha alegria de poder estar participando mais uma vez. Aqui poderiam estar outros presidentes da América Latina e da América do Sul. Eu sei que outros foram convidados, mas por razões de compromissos assumidos não puderam vir, como a companheira Cristina, presidente da Argentina, como a companheira Michelle Bachelet, como o companheiro Tabaré, do Uruguai, e tantos outros. Mas cá viemos nós para falar pouco. Cândido, você controle o tempo direitinho. Hoje o Chávez bateu o recorde de menos tempo que ele falou em seis anos que eu o conheço.



Possivelmente, em respeito a vocês, possivelmente porque ele está com sono e tem que voltar para a Venezuela, e possivelmente porque ele sabe que eu já tenho mais de 60 anos e na terceira idade, depois das 11h, que é o meu relógio biológico, eu estou com sono.

Primeiro, eu tinha um discurso por escrito, mas deixei ele ali na mesa porque eu também vou falar pouco. Queria começar dizendo para vocês que guardem esta fotografia, porque hoje a gente pode até reclamar dos presidentes que nós temos, mas a verdade é que há pouco tempo, na América Latina, os que ousavam não concordar com os presidentes, com o regime, eram perseguidos, torturados e mortos em muitos países da América Latina. O que nós conquistamos nesses últimos anos foi, na verdade, resultado da morte de muita gente que, muito jovem, resolveu pegar em armas para derrubar os regimes autoritários, no Chile, na Argentina, no Uruguai, no Brasil e em quase todos os países. Morreram, e nós estamos fazendo parte daquilo que eles sonhavam fazer. E conquistamos esse direito pelas vias democráticas. Cada um de nós disputou uma eleição. Eu perdi quatro para chegar a ser presidente. Chávez, enquanto coronel do Exército venezuelano, tentou encurtar a forma de chegar ao poder. Juntou um grupo de amigos e tentou chegar ao poder. Não conseguiu, foi derrotado, foi preso e, pouco tempo depois, em 1998 e 2000, Chávez virou presidente da República.

O mundo mudou tanto que a gente pode dizer que era impossível imaginar que um bispo da igreja católica pudesse derrotar a dinastia de 60 anos dos partidos conservadores do Paraguai. Era quase impossível pensar que um jovem economista pudesse chegar à República do Equador como presidente, porque há pouco tempo, a cada 9 meses, trocava um presidente no Equador. Era impossível pensar que um índio, com a cara de índio, com o jeito de índio, chegasse à Presidência da Bolívia. Aqui, no Brasil, era impossível imaginar que um torneiro mecânico pudesse chegar à Presidência da República.



Mas as coisas não param por aqui. Era impossível imaginar – e eu duvido que algum teórico conseguiu escrever –, num país que há 40 anos matou Luther King, que um negro virasse presidente da República dos Estados Unidos da América do Norte. Isso significa que as coisas vão mudando. E não mudam com a rapidez que a gente quer, mudam com a rapidez do tempo e da paciência que a gente tem para construir aquilo que nós precisamos construir.

Inegavelmente, houve um avanço extraordinário na nossa América Latina. Inegavelmente. Esse moço aqui, com dois anos de mandato, foi vítima de um golpe. O Evo Morales, vira e mexe, as pessoas tentam atazanar a vida dele. E nós, com todas as divergências que temos entre nós, sabemos que é melhor a gente resolver as nossas divergências e o povo continuar elegendo gente comprometida, do que permitir que um companheiro desses possa perder o mandato por irresponsabilidade da elite de cada país e, muitas vezes, da má compreensão do papel da elite e de setores da imprensa, que muitas vezes criticam de forma exagerada e irresponsável as coisas que se fala e as coisas que se diz.

Eu tenho dito para todos eles: paciência. A palavra-chave é a gente ter paciência para construir as coisas que nós temos que construir. Aqui no Brasil, Chávez, em 2005 fizeram uma campanha contra mim, pior do que a campanha que faziam contra você na Venezuela. Eu vi e vivi a campanha que se fazia contra o Chávez. Eu nunca imaginei que no Brasil pudessem fazer igual. E, em 2005, eu fui vítima da mesma campanha.

O que essa gente não percebeu é que hoje o povo mais humilde da América Latina, os índios da Bolívia, os índios do Equador, os índios brasileiros, os seringueiros, os trabalhadores da Venezuela, do Paraguai, as pessoas aprenderam a não ter mais intermediário para escolher os seus dirigentes. As pessoas votam diretamente e escolhem aqueles em que elas confiam.



Bem, eu vivi aqui no meu país os anos duros dos anos 80, em que era proibido fazer greve, em que era proibido protestar. Vivi os anos duros da dívida externa, em que o Fundo Monetário Internacional sabia dar palpite todo santo dia nos países pobres. Vivi os tempos duros em que o Banco Mundial via solução para todos os nossos problemas. Vivi os tempos duros em que o mundo desenvolvido vivia a dizer o que nós tínhamos que fazer na América Latina. Parecia que eles eram os infalíveis e que nós éramos incompetentes.

Agora está provado, Leonardo Boff, que Deus escreve certo por linhas tortas. Agora a crise não é nossa, é deles. A crise não nasceu por causa do socialismo bolivariano do Chávez; a crise não nasceu por causa das brigas do Evo ou da eleição de Lugo. A briga [crise] nasceu porque durante os anos 80 e os anos 90, ao estabelecerem a lógica do Consenso de Washington, eles venderam a lógica de que o Estado não prestava para nada, de que o Estado não podia nada e que o “deus mercado” é que iria desenvolver os países, é que iria fazer justiça social. Esse “deus mercado” quebrou. Quebrou por irresponsabilidade, quebrou por falta de controle, quebrou por causa da especulação.

Eu cansei de perguntar para o Chávez por que o petróleo saiu de US\$ 30 e foi para US\$ 150. Cansei de perguntar para o presidente da Petrobras. Era difícil responder e, muitas vezes, a gente culpava a China. Na verdade não era a China, na verdade não era o Chávez que queria aumentar o preço ou a Petrobras. A verdade é que tinha uma coisa chamada especulação via mercado futuro, que elevava o preço do barril ao preço que eles queriam, e nós, o povo do mundo, pagava o preço mais danoso possível. Nos Estados Unidos chegaram a inventar um tal de crédito, em que o povo comprava uma casa por US\$ 200 mil, se a casa valorizasse, ele poderia tomar a diferença entre a casa e a valorização, emprestado, porque era preciso aumentar o consumo. De repente, a casa não valia aquilo que eles diziam que valia, e aí bancos importantes...



Eu cansei de ir a Londres, cansei de ir a Nova Iorque fazer debates com *yuppies* de 25 ou 30 anos, jovens banqueiros, que diziam para mim: “O Brasil tem que fazer isso, o Brasil tem que fazer aquilo”. Nunca tinham colocado os pés no Brasil, não sabiam onde ficava a América do Sul, mas davam palpite todo santo dia.

Agora, eu espero que o FMI diga ao nosso querido Obama como ele tem que consertar os Estados Unidos; diga à Alemanha como ela tem que consertar sua crise; diga ao Sarkozy; diga ao Berlusconi; diga aos países ricos como eles vão consertar a crise que eles criaram. As crises dos anos 80 e dos anos 90 nos obrigavam a fazer ajuste fiscal, nos obrigavam a cortar gastos, nos obrigavam a mandar trabalhadores embora, nos obrigavam a dizer que o Estado deveria permitir que a iniciativa privada governasse no lugar dos governantes.

Agora, quando eles entraram em crise, qual foi o deus a que eles pediram socorro? Ao Estado. Foi exatamente o Estado que não prestava, que está colocando bilhões de dólares, bilhões de euros para tentar recuperar a economia. Em poucas semanas, trilhões e trilhões de dólares desapareceram do mercado. Banqueiro que dava palpite sobre o Brasil todo santo dia, sobre o Equador, sobre a Venezuela, sobre o Paraguai, o Uruguai, a Argentina... Esses banqueiros que medem o risco do nosso país, que dizem se a gente está bem ou está mal, fecharam a boca, porque eles quebraram por pura especulação.

Tem gente que está reclamando da crise. Eu acho que a crise é mais grave e nós não conhecemos o fundo dela ainda. Não conhecemos. Hoje os países em desenvolvimento estão em melhores condições de sair da crise do que os países ricos. Tentei, durante todo o ano passado, negociar a Rodada de Doha na OMC, para ver se a gente permitia que os produtos dos países mais pobres chegassem ao mercado dos países mais ricos. Mas eles são implacáveis e não quiseram negociar.



Eu posso dizer para vocês que pouco tempo atrás eu liguei para o presidente Bush, e falei: Bush, qual é a biografia que você quer quando você deixar o governo? É a guerra do Iraque? Ou você quer fazer o acordo da Rodada de Doha? O Brasil não precisa ganhar nada, os ricos não precisam ganhar, mas os pobres precisavam ganhar, sobretudo o continente africano, que não pode continuar sendo o continente miserável, no século XXI, que foi no século XIX. Aí eu falei: Bush, por que você não coloca na sua biografia a Rodada de Doha? Porque tinha uma pequena divergência com a Índia, não colocou. Então, ele saiu do governo com a biografia da guerra do Iraque, a biografia do não-acordo comercial e a biografia da pior crise econômica que o mundo está vivendo. Simplesmente porque essas pessoas não têm sensibilidade.

O mundo não pode eleger mais presidentes que não atendem ao movimento social, que não conversam com o movimento sindical, que não conversam com os índios, que não conversam com as mulheres, ou seja, é preciso que as pessoas se disponham a conversar, porque neste momento a crise, para nós, é uma oportunidade para a gente construir algo diferente, para a gente discutir o mercado financeiro, que não pode estar descolado do setor produtivo, para a gente discutir a política de desenvolvimento no nosso país, para a gente discutir política de transferência de renda.

Vocês sabem que aqui no Brasil a Petrobras descobriu muito petróleo. E pelo fato de ela ter descoberto muito petróleo, nós não queremos que a Petrobras vire uma grande exportadora de petróleo apenas, nós queremos que uma parte desse petróleo resolva o problema da pobreza e o problema da educação neste país, para que a gente possa viver melhor e com mais dignidade.

No Fórum de 2003 disse o Chávez: a palavra de ordem é “um outro mundo é possível”. A palavra de ordem hoje é: já não é mais possível; é necessário e imprescindível que a gente discuta uma nova ordem econômica,



que a gente discuta no G-20, no dia 2 de abril, em Londres, um controle do mercado financeiro. Eles não podem fazer das finanças de uma nação apenas a especulação. É preciso que os bancos estejam vinculados à produção agrícola, à produção industrial, à produção intelectual, à produção cultural dos países, não apenas especular, como especulam.

Por isso, companheiros Chávez, Rafael, Evo e Lugo, eu penso que nós temos uma chance extraordinária. Possivelmente ninguém tenha a saída, possivelmente não esteja na nossa cabeça a totalidade da saída do problema. Eu sei que cada um de vocês está fazendo, dentro dos seus países, o que precisa ser feito, o que pode ser feito. O dado concreto é que a crise, que não começou no nosso país, vai chegar no nosso país. Ela vai chegar, e já está chegando, porque as exportações estão caindo.

A China, que crescia a 13% ao ano, talvez cresça 5% ou 6% este ano. A Índia está tendo problema. Nos Estados Unidos já tem recessão, na Europa já tem recessão. Aqui, graças a Deus, nós ainda não temos recessão, nós temos uma retração do crescimento. Se na crise passada a gente tinha que fazer ajuste fiscal, nesta crise agora o Estado tem que assumir a responsabilidade pelos investimentos. É hora de investir, é hora de construir, é hora de colocar dinheiro no setor produtivo.

Aqui no Brasil nós vamos anunciar, nos próximos dias, a construção de mais 500 mil casas em 2009 e mais 500 mil casas em 2010. E vocês, do Movimento Moradia, vão ser chamados para discutir conosco essas novas casas, porque estamos devendo um pouco as primeiras.

Bem, uma outra coisa importante. Decidimos essa semana: a Petrobras vai investir, até 2013, US\$ 174 bilhões. E não pode atrasar, porque nós precisamos de empregos, porque nós queremos empregos, e porque é o emprego, na pior das hipóteses, que vai melhorar a vida da sociedade brasileira.



Essa crise é uma oportunidade para a gente devolver, não com arrogância, não com petulância, mas para a gente devolver àqueles que pensavam que sabiam mais do que nós como é que eles devem se comportar para lidar com o povo que está ficando desempregado. Porque antes, e até agora, eles só deram dinheiro para banqueiro: são 800 bilhões para salvar banco não sei onde, são 900 bilhões para salvar não sei onde, são 100 bilhões... Até agora, só cuidaram dos banqueiros. Eu tenho dito, e quero repetir. Aqui, neste país, posso dizer para vocês: o povo pobre não será o pagador desta crise, não vai ter a sua vida piorada por conta da irresponsabilidade dos banqueiros.

Nós temos muita coisa para fazer. Nós estamos aqui, todos os companheiros, temos divergências. Mas é melhor ter divergências e sentar em torno de uma mesa e resolver as divergências do que aquele tipo de governo que parecia que estava tudo bem e era um enganando o outro. Agora, é o jogo da verdade. Lugo sabe que tem divergências com o Brasil. Eu reconheço que nós temos divergências, mas nós nos respeitamos para sentar a uma mesa e encontrar uma solução que atenda aos interesses dos dois povos.

Evo Morales, quando nacionalizou o gás – vocês estão lembrados –, tinha gente aqui no Brasil que me acusava de frouxo, que dizia que eu tinha que ser agressivo com o Evo, que eu tinha que brigar com o Evo. Tinha gente que falava: “O Lula não defende o Brasil”. Tem jeito de defender o Brasil, e eu jamais iria permitir que um metalúrgico de São Paulo fosse brigar com um índio boliviano. Jamais.

Aqueles que venderam a discórdia sabem hoje que a nossa relação com a Bolívia melhorou e melhorou muito, porque tem uma relação de confiança. Não é a relação de um país com poder imperial subordinando um país menor às suas pretensões. Nós tivemos divergência com Rafael Correa. Levantou a divergência, vamos resolvê-la em uma mesa de negociações, cada um respeitando a sua soberania, mas ao mesmo tempo a gente sabendo que a



gente pode chegar a um ponto comum. O Chávez, eu ando pelo mundo defendendo o Chávez, porque todo mundo é contra o Chávez. E eu quero dizer que eu tenho orgulho de ser o presidente da República que mantém, possivelmente, a melhor relação com a Venezuela que o Brasil já manteve: uma relação de confiança, respeitosa, de respeito à soberania da Venezuela e à soberania do Brasil.

Sobretudo, eu tenho consciência que dez anos atrás vocês não conseguiriam trazer um presidente da República ao Fórum. Tenho a convicção de que nenhum vinha, porque todos eles teriam medo de vir aqui e serem vaiados. Todos eles, mesmo olhando na cara do seu povo, sentiriam que vocês eram estranhos para eles. Aqui estamos nós para dizer para vocês: nós somos os presidentes, mas vocês é que dão a direção, com o movimento de vocês, para aquilo que a gente tem que fazer para a América Latina.

Um grande abraço e bom Fórum Social Mundial.

(\$211A)